

Memórias póstumas de Brás Cubas: do phármakon à escrita, o jogo, a verdade
Memórias Póstumas de Brás Cubas: from the phármakon to the writing, the game, the truth

TERESINHA GEMA LINS BRANDÃO CHAVES*
MARIANA LINS E CHAVES**

Resumo: Segundo o “defunto autor” (ou “autor defunto”) de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o verdadeiro motivo de sua morte teria sido uma “ideia grandiosa e útil”, a invenção de um emplasto contra a melancolia. E ele sabe que fabricar um *phármakon*, relacionado a Theut, deus da escritura e da medicina, só é possível através do livro. Propomos, neste ensaio, uma análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* utilizando modelos médicos e farmacêuticos, além de alguns elementos da química *phármakon*-escritura, utilizados por Derrida, em *A farmácia de Platão*.

Palavras-chave: Machado de Assis, literatura, medicina

Abstract: According to the “deceased author” (or “author deceased”) of *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, the true reason for their death would have been a “great and useful idea”, the invention of a medicine against the melancholy. Only through the book, it would be possible to produce *phármakon*, related to Theut, god of scripture and medicine. We propose to analyze the literary book *Memórias Póstumas de Brás Cubas* using medical and pharmaceutical models, besides of some *phármakon*-scripture chemicals elements, from Derrida’s “La pharmacie de Platon”.

Keywords: Machado de Assis, literature, medicine

* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP.

** Médica da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein-UPA Campo Limpo.

APÍTULO PRIMEIRO

ÓBITO DO AUTOR

Morri de uma pneumonia, mas se lhe disser que foi menos a pneumonia do que uma ideia grandiosa e útil, a causa de minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade (ASSIS, 1999, p. 33-34).

Julguemos, portanto, o caso.

Emplastro Brás Cubas

Farmacêutico responsável: Machado de Assis inspirado em Platão.

Informações ao paciente, indicações, modo de usar, advertências: consulte texto.

Todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das *traças*.

Conservar à temperatura ambiente. Proteger da umidade.

Produto Brasileiro.

Formas farmacêuticas e apresentações

Embalagens em brochura com capítulos de *phármakon*.

Composição completa

Cada 250 p. de "*bibliou*" contém:

Phármaka (remédio/veneno)

Lógos (discurso)

Grámmata (letras)

Alethéia (verdade)

Mythoi	(mito)
Paidiá	(jogo)
Máthema	(conhecimento)
Peithó	(persuasão)
Mnemosyme	(memória)

Ingredientes inativos

Celulose (papel); pigmento de origem vegetal fluído, opaco, brilhante, tipográfico (tinta).

I – Informações ao paciente

Apresentado na forma de *bíblia* (livro), *Emplasto Brás Cubas*, criado pelo escritor brasileiro Machado de Assis, a partir da mistura de antiga fórmula de Platão, inscrita no *Fedro*, é o agente bloqueador da melancolia com propriedades anti-hipocondríacas.

Origem

Desenvolvido e produzido no Brasil, no ano de 1881, *Emplasto Brás Cubas* é um potente *phármakon* indicado para o alívio da “nossa melancólica humanidade”. Sua propriedade terapêutica envolve o livro e a droga, a escrita e seu duplo sentido (remédio/veneno) e sua eficácia. Apesar de concebido em um período marcado pela abertura de espaço para a introdução das ciências naturais no país, seu idealizador exercia o ofício, como prático. Contudo, não fazia parte da corporação de cirurgiões-barbeiros, de boticários, de curandeiros ou de charlatões. Possuía habilidades intelectuais apuradas. Buscava nos instrumentos de cura da tradição popular, nos doentes e doenças, a ideia e a matéria de seu invento. Na escolha da terapêutica, é provável que se inspirasse nas práticas mágicas e empíricas da arte de curar rastreadas em leituras, de preferência dos clássicos. Sorvia, com prazer, as fontes de entusiásticos discursos sobre métodos

de cura, alguns considerados pela medicina moderna, brilhantes, a maior parte, porém, mirabolante.

Para o entendimento da origem do Emplasto Brás Cubas, o *phármakon-bíblia*, que seria destinado a combater a melancolia, algumas referências merecem ser lembradas.

Conforme Brandão, em sua pesquisa sobre a obra de Luciano de Samósota, o escritor grego (Séc. II) admite que as doenças verbais poderiam ser curadas com o uso de medicamentos, pois têm origem fisiológica. *Lexifanes* ilustra bem isso: considera-se que o orador de mau gosto está acometido de uma “doença retórica”, tida como início de uma loucura. O tratamento se faz com o uso de um *phármakon*, preparado pelo médico Sópolis, que faz o paciente “vomitar todo vocabulário antiquado, estereotipado e vazio que vicia a linguagem. Também a afecção linguística (ou melhor, estilística) é apresentada como consequência do desequilíbrio interno da bÍlis, podendo ser tratada com *phármaka* como qualquer outra doença” (BRANDÃO, 2001, p. 177).

Para além da associação do *phármakon* com a retórica e a estilística, Derrida vai apresentar no livro *A Farmácia de Platão*, o mito de Theuth sobre a escritura, veneno ou remédio, que produz efeitos maléficos ou benéficos. Mas a questão da escritura a partir do *Fedro*, de Platão, desenvolvida por Derrida, sugere um jogo perigoso e de resultado desconhecido: a possibilidade de transcender a morte e convertê-la em matéria verbal, “restituidora de sentido e reveladora da verdade”. E Brás Cubas arremessa-se nesse jogo, nesse propósito: inventar um *phármakon* capaz de curar a melancolia, “essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil” (ASSIS, 1999, p. 88), oferecendo como contrapartida a própria vida.

Conforme confessa, outra razão que o teria influenciado foi “o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras *Emplasto Brás Cubas*”. A ideia trazia duas faces, como as medalhas. “De um lado filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada” (*Idem*, p. 34). O “divino emplasto” daria ao seu criador o “primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, [...] genuína e direta inspiração do Céu” (*Idem*, p. 251).

Portanto, da sinergia de vida e morte surge a fórmula desejada. É ela que permite ao “defunto autor”, desfrutar de plena liberdade e isenção das leis, para

“arrogar-se a prerrogativa, pouco ou nada comum aos vivos, de expressar-se ‘com franqueza’, a primeira virtude de um defunto” (FANTINI, 2001, p. 44).

Dessa maneira, a *phármakon*-escritura, como todo medicamento eficaz, realiza a ação desejada: fixar o discurso, a trama, a história. Administrado indistintamente para todos, com a mesma posologia e forma, ele produzirá efeitos terapêuticos positivos, ou efeitos colaterais indesejáveis, já que de duplo sentido, podendo significar veneno ou remédio.

Indicações

Emplasto Brás Cubas é indicado no tratamento da melancolia e hipocondria.

A melancolia, chamada por Brás Cubas de “volúpia do aborrecimento”, aflige um número expressivo de pessoas, vitimadas pelas carências ou excessos mundanos; ou incapacitadas de viver a realidade; ou com baixa vitalidade. A história da medicina mostra que o tormentoso sentido da *brevitas vitae* e o medo da morte promoveram o interesse das pessoas, não só pela medicina erudita, mas também pelos mistérios da cosmografia fantástica e pela magia de ervas, esperando-se delas a alegria, a saúde e a juventude eternas. A “ênula” criadora de serenidade e de alegria, por exemplo, era servida pela bela Helena a Telémaco, misturada com vinho doce. O ópio era um reagente que provocava o esquecimento das coisas melancólicas. O açafraão, remédio contra a melancolia, era o inimigo dos humores tristes. O *phármakon* homérico misturado com o “humor vermelho” tinha poderes tais que, para quem o bebesse, “mesmo se perdesse a mãe ou o pai, mesmo se visse o filho assassinado, não lhe cairiam lágrimas pelo rosto” (CAMPORESI, 1990, p. 158).

Segundo Camporesi, foram as classes abastadas que mais sofreram “afecções melancólicas e hipocondríacas, acompanhadas por crises depressivas. Nas classes subalternas, a tendência estaria relacionada a um mal-estar social, uma reação patológica à sua condição repressiva” (1990, p. 148).

A epilepsia – cabe aqui lembrar que Machado de Assis sofria desse mal – “gravíssimo fenômeno do mal caduco também chamado bendito, doença sagrada, doença hercúlea, doença comicial, mal principal, grande mal, mal de lunáticos” (CAMPORESI, 1990, p. 148) era considerado “o mais misterioso dos males”. Contra ele, existiu vasto repertório de receitas, algumas publicadas em códices,

que ofereciam fórmulas sobre as quais se pergunta, hoje, se não foram inventadas para provocar o riso. Conforme Millepierres, que registrou em sua obra aspectos curiosos da arte de curar dos séculos passados, “contra o mal caduco, a que chamam também epilepsia, usava-se a *valeriana*, que é utilizada como antiespasmódico, o *gladiolo*, o visco de carvalho – o dos druidas, muito raro –, o sangue de bordalo, o crânio humano (em pó), o excremento de pombo branco dissolvido em vinho branco” (MILLEPIERRES, s/d, p. 64). “E como conseguir o pé traseiro esquerdo do alce, com o qual ele coça a orelha, para curar a epilepsia?” “Existia também uma tintura de prata, de um belo azul-celeste, própria para curar a epilepsia, a apoplexia, a paralisia e outras doenças ou acidentes considerados como afecções cerebrais” (*Ibidem*, p. 101).

Pedro Nava, médico e escritor, considera a literatura de ficção produzida no Brasil, fonte útil para a compreensão de nossa medicina do século XVIII-XIX. Destaca a preocupação de Machado de Assis com doenças e doentes e analisa algumas referências como os “achques”, sobre os quais “há aqui e ali notícias de seu tratamento”, como também “as pontinhas de febre”, resfriados, nevralgias, reumatismos que aparecem em na obra de Machado *Memorial de Aires* (1908). Sobre o conto machadiano *A causa secreta*, considera ser “um agudíssimo estudo de um exemplar refinado de sadismo [que] contém detalhes sobre a realização de curativos, aplicação de cáusticos, sobre a tuberculose da heroína Maria Luiza e o excelente negócio que era por volta de 1860, a exploração de uma casa de saúde no Rio de Janeiro” (2003, p. 224). Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a circulação de personagens doentes e que falecem, a começar pelo narrador, combina com a ideia de inventar um emplastro, destinado a curar “gravíssimo mal”. O *phármakon*-escritura terá poder de curar ou conforme Brás, “determin[ar] o contrário e aí vós ficais eternamente hipocondríacos” (ASSIS, 1999, p. 251).

Millepierres colheu referências a respeito das diferentes espécies de melancolia “devidas ao excesso de bílis negra” (s/d, p. 65), tão excêntricas quanto o emplastro machadiano. A melancolia hipocondríaca, por exemplo, que seria a neurastenia, muito frequente naquela época, era chamada de “flagelo e opróbrio dos médicos”. “A melancolia de amor, que ia até o furor uterino, era a doença das viúvas jovens, e estas não faltavam. Parece que um vomitivo enérgico pode produzir seu efeito. Mas o melhor para essas desventuradas é arranjar um novo marido: um marido é um emplastro que cura todos os males das raparigas”

(*Ibidem*, p. 65). Gui Patin, famoso cirurgião-barbeiro do século XVII, apologista das frequentes sangrias, “cita o caso de um fidalgo bretão, que ele curou de melancolia que roçava a demência, sangrando-o vinte e duas vezes e acrescentando vinte lavagens e vinte purgativos” (*Ibidem*, p. 194).

Portanto, a melancolia, mal que aflige a humanidade, será combatida com o *Emplasto Brás Cubas*, o *phármakon-bíblia*, antídoto universal, que vai disfarçar a morte, e dela fazer nascer vida, subvertendo a ordem natural do mundo regulada pela ciência.

Modo de usar

Recomenda-se o uso de *Emplasto Brás Cubas*, de acordo com o exemplo do “bibliômano”.

CAPÍTULO LXXII

O bibliômano

É um bibliômano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume por acaso, no pardieiro de um alfarrabista. Comprou por duzentos réis. Indagou, pesquisou, esgaratou, e veio a descobrir que era um exemplar único... Único! Vós, que não só amais os livros, senão padeceis a mania deles, vós sabeis mui bem o valor desta palavra, e adivinhais, portanto, as delícias de meu bibliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas *Memórias*; faria a mesma cousa com o *Almanaque* de Laemmert, uma vez que fosse único.

O pior é o despropósito. Lá continua o homem inclinado sobre a página, com uma lente no olho direito, todo entregue à nobre e áspera função (...). Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao sol. Um exemplar único! Nesse momento passa-lhe por baixo da janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro (...). Um exemplar único! (ASSIS, 1999, p. 154-155).

Advertência do fabricante

Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem (*Idem*, p. 154).

Modo de usar

“Folhe[ar] o livro devagar, com amor, aos goles ...” (*Ibidem*, p. 155).

Efeitos colaterais

“Eis aqui, oh, Rei” diz Theuth, “um conhecimento que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos e mais aptos para se rememorar: memória e instrução encontraram seu remédio.” (DERRIDA, 1997: 44)

E o rei replicou: “Incomparável mestre em artes, oh, Theuth...pois este conhecimento terá, como resultado, naqueles que o terão adquirido, tornar suas almas esquecidas...quanto à instrução é a aparência dela que ofereces a teus alunos, e não a realidade” (p. 49, grifo nosso).

Segundo Platão, “não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico” (DERRIDA, 1997, p. 46). E a escrita não é melhor como remédio do que como veneno. É preciso, com efeito, saber que ele suspeita do *phármakon* em geral, mesmo quando se trata de droga com fins terapêuticos, mesmo se são manejadas com boa intenção e mesmo se são eficazes como tais. A suspeita se detém sobre seu poder de penetração maléfico, capaz de afetar ou infectar o mais profundo do ser, entrando por arrombamento exatamente naquilo que gostaria de não precisar dele e que, ao mesmo tempo, se deixa romper, preencher e substituir. Para Platão, “na verdade, a escritura é

essencialmente nociva, exterior à memória, produtora não de ciência, mas de opinião, não de verdade, mas de aparência. O *phármakon* produz o jogo da aparência a favor do qual ele se faz passar pela verdade” (*Ibidem*, p. 50).

Apesar das considerações, não foram relatados efeitos indesejáveis com o uso de *Emplasto Brás Cubas* e seu fabricante alerta: “A razão é que, ao contrário de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata; a letra dá vida, o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte” (ASSIS, 1999, p. 221).

II – Informações complementares

Farmacologia mágica: o *Emplasto Brás Cubas* n’A *Farmácia de Platão*

Segundo Camporesi em *O pão selvagem*, a fuga das multidões dilaceradas e famintas para os paraísos artificiais, para mundos revoltos, para impossíveis sonhos de compensação, nascia, até meados do século XIX, da incapacidade de viver a realidade. Assim se esboça uma sociedade febril e insone, que tenta defender-se das agressões aflitivas de sonhos aterradores e horríveis, por meio de toda uma farmacologia que trouxesse o esquecimento e a serenidade, a “jovialidade e cordialidade euforizante para o coração, modificadora do sangue, entorpecedora e narcotizante (...) E que afastasse também a nevrose farmacopeica de conseguir encontrar qualquer coisa mirabolante e secreta que pudesse oferecer a chave para se entrar finalmente numa existência protegida, não fatigante, não corrompida pelas doenças (CAMPORESI, 1990, p. 13).

“Nessa perspectiva da “farmacologia mágica” interpretada como sapiência secreta capaz de curar, de tornar as pessoas invulneráveis e ricas, verifica-se uma procura constante e incansável de ervas mágicas, de raízes produtoras de esquecimento e êxtase, de sonhos e jogos noturnos, de filtros e poções encantados”. A par disso, pretensos médicos, charlatães, curandeiros e ervanários vendiam com sucesso “segredos milagrosos” (1990, p. 18). Os untos, os óleos, os unguentos, os bálsamos, os emplastos, as cataplasmas ocupavam um lugar privilegiado na

transmissão de mensagens farmacológicas, fossem elas venenosas ou salutares (*Ibidem*, p. 18).

Dessa forma, acreditando possuir capacidade para inventar o emplasto – ainda que não compreendesse uma gota sequer dessa arte – Brás Cubas vai se situar na linha dos que praticavam a farmacologia mágica, empírica. Louco confesso, estando ocupado “em preparar e apurar [a] invenção”, [recebe] “em cheio um golpe de ar” (ASSIS, 1999, p. 38). Adoece logo e não se trata. No outro dia, afirma, “estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência” (1999, p. 39).

III – Anamnese do paciente

- Identificação: B.C.
- Data de nascimento: 20/10/1805
- Queixa principal e duração: recebeu golpe de ar, adoeceu logo.
- História Pgressa da Moléstia Atual: paciente refere infecção de vias aéreas. Sem tratamento específico. Relata ainda que tinha o emplasto no cérebro (?), trazia consigo a ideia fixa dos doudos e dos fortes (SIC).
- Hipótese Diagnóstica: pneumonia; Delirium(?)
- Conduta: o caso necessita de pesquisa para elucidação diagnóstica.

Análise do caso, segundo *A farmácia de Platão*

Conforme Derrida, o mito que dá pretexto ao *kháiren*, que tem lugar em nome da verdade, surge do diálogo de Sócrates com Fedro, no passeio pelas nascentes do rio Ilissos, uma nascente talvez curativa, consagrada a Farmaceia. Indaga Fedro: – “Não foi nestes lugares, que Boréas, acreditando na tradição, raptou Orítia? Essa margem, a pureza límpida dessas águas, devia acolher as jovens virgens, até mesmo atraí-las, como um encanto e incitá-las ao jogo” (DERRIDA, 1997, p. 14).

Porém Sócrates, por escárnio, propõe outra explicação do mito no estilo racionalista e fisicalista dos *sophoi*: “(...) foi no momento que brincava com Farmaceia

(*sün Pharmakeiai paízousan*) que o vento boreal (*pneûma Borêou*) empurrou Orítia e precipitou-a no abismo, contra as rochas próximas, e que das próprias circunstâncias de sua morte nasceu a lenda de seu rapto por Boréas”.

Responde Sócrates: – “Quanto a mim, estimo, aliás, que explicações desse gênero, Fedro, têm seu atrativo, mas é preciso muita inteligência, muita aplicação laboriosa, e nelas não se encontra de forma alguma a felicidade” (DERRIDA, 1997, p. 14).

De maneira semelhante, ao brincar com Farmaceia (nome comum que significa a administração do *Phármakon*, do remédio e/ou do veneno) Brás recebe um golpe de Boréas, adoece, morre e das circunstâncias de sua morte nascem suas “memórias póstumas”.

Mais adiante, Sócrates compara textos escritos, que Fedro trouxe consigo, com uma droga (*phármakon*): “Esse *phármakon*, essa medicina, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência” (*Ibidem*, p. 14). Também em Machado de Assis, o *phármakon* vai ser o gerenciador da composição dos fios da escritura, cujo “encanto, virtude de fascinação e potência de feitiço podem ser – alternada ou simultaneamente – benéficos ou maléficos” (*Ibidem*, p. 16).

Conforme Derrida, “o livro, o saber morto e rígido encerrado no *bíblia*, as histórias acumuladas, as nomenclaturas, as receitas e fórmulas aprendidas de cor, tudo isso é tão estranho ao saber vivo e à dialética, quanto o *phármakon* é estranho à ciência médica (1997, p. 17). “Ciência e magia, passagem entre vida e morte, suplemento do mal e da falta: a medicina devia constituir o domínio privilegiado de Theut. O deus da escritura, que sabe pôr fim à vida, cura também os doentes e mesmo os mortos” (1997, p. 38).

IV – O jogo: “do *phármakon* à letra”

Após ter fechado a farmácia, Platão retirou-se, ao abrigo do sol. Caminhou alguns passos na sombra, em direção ao fundo da reserva, curvou-se sobre o *phármakon*, decidiu analisar ... o *phármakon* numa mão, o cálamo na outra. Platão transcreve o jogo das fórmulas murmurando: ... *phármakon* quer dizer golpe ... um golpe de força ... um golpe disparado ... um golpe baixo ..., mas um golpe por nada ...

um golpe na água ... um golpe de sorte ... Theuth que inventou a escritura (...) o golpe da escritura (...) um golpe que é duplo (são necessários ditos e reditos, lições contínuas, longos anos, e já é muito se, com grandes esforços, se chega a purificá-los como se purifica o ouro ...” (DERRIDA, 1997, p. 123).

Pois bem, no recinto fechado da farmácia, Platão analisa o *phármakon* e transcreve, por meio de murmúrios, o jogo das fórmulas. A ressonância se amplifica.

A fala enclausurada bate-se nos cantos, palavras se desprendem, trechos de frases separam-se, membros desarticulados circulam entre os corredores, fixam-se no tempo de um trajeto, nele se traduzem, rearticulam-se, repercutem-se, contradizem-se, formam histórias, retornam como repostas, organizam suas trocas, protegem-se, instituem um comércio interior, tomam-se por um diálogo. Pleno de sentido. Toda uma história (DERRIDA, 1997, p. 123).

Assim também, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o defunto-autor, enclausurado na campa, analisa o *phármakon*. Recorda-se do golpe mortal recebido de Boréas, armadilha preparada por Theut, deus da escritura, que é também o deus da morte e da medicina. Puxa os fios da escritura, começa a tecer. As palavras realizam os mesmos movimentos da fala de Platão: batem nos cantos, se desprendem, rearticulam-se, contradizem-se, se sobrepõem, constroem a história e a trama, misturadas em mágicas poções. Nasce a obra. Já se conhece sua origem, indicações, modo de usar e efeitos colaterais. Afinal, é um remédio ou veneno? Não se sabe, pois, sua potência vai ter a mesma relação com a disposição da alma, assim como as drogas têm com o corpo. Algumas expulsam males, “cada uma o seu, umas estancam a doença, outras a vida”. Do mesmo modo, “alguns textos afligem, outros revigoram; uns aterrorizam, outros animam os leitores; outros, por uma má persuasão, [aniquilam] a alma” (*Ibidem*, p. 62).

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósota*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2001.
- CAMPORESI, Piero. *O pão selvagem*. Trad. M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- MILLEPIERRES, François. *A vida quotidiana dos médicos no tempo de Molière*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Livros do Brasil, s/d.
- NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- SCARPELLI, Marli Fantini. Narrar para não morrer: Memórias póstumas de Brás Cubas. In: MOTA, Lourenço Dantas, ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

Submetido em: 01-12-2005

Aprovado para publicação: 24-06-2016